



## Argumentação em Discursos Memorialísticos de Moradoras do Cachimbo Eterno em Luiz Gomes/RN

*Wilca Maria de Oliveira<sup>1</sup>; Gilton Sampaio de Souza<sup>2</sup>; Maria do Socorro Cordeiro de Sousa<sup>3</sup>;  
Marília Cavalcanti de Freitas Moreira<sup>4</sup>*

**Resumo:** O presente artigo objetiva analisar os discursos memorialísticos sobre o processo de destoponização em curso nas ruas Mãe Regina e Raimundo L. da Rocha/Luís Gomes/RN. O corpus é constituído de três excertos de duas colaboradoras, obtidos por meio do recurso de entrevista compreensiva. A metodologia a ponta para uma abordagem qualitativa. A fundamentação teórica está baseada na Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Os resultados mostram que: (a) os discursos das colaboradoras se aproximam dos argumentos defendidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), (b) os argumentos de Aurora corroboram para a tese de que o nome Cachimbo pegava fogo, no sentido literal e de preconceito por moradores de outras áreas da cidade. Neste estudo concluímos que os discursos memorialísticos de nossas colaboradoras convergem para o valor da essência da pessoa, o Cachimbo só é o que é, porque a essência dele reside nas pessoas que o constituíram como tal.

**Palavras-chave:** Argumentação. Auditório. Discursos memorialísticos.

## Argumentation in Memorialistic Speeches of Cachimbo Eterno Residents in Luiz Gomes / RN

**Abstract:** This article aims to analyze the memorialistic speeches about the process of deoptimization underway in the streets Mãe Regina and Raimundo L. da Rocha / Luís Gomes / RN. The corpus consists of three excerpts from two collaborators, obtained through the use of a comprehensive interview. The cutting-edge methodology for a qualitative approach. The theoretical foundation is based on the New Rhetoric by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014). The results show that: (a) the collaborators' speeches are close to the arguments defended by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014), (b) Aurora's arguments corroborate the thesis that the name Cachimbo caught fire, in the literal sense and prejudice by residents of other areas of the city. In this study we conclude that the memorialistic speeches of our collaborators converge to the value of the essence of the person, the Pipe is only what it is, because the essence of it resides in the people who constituted it as such.

**Keywords:** Argumentation. Auditorium. Memorialistic speeches.

<sup>1</sup>Aluna do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN).

<sup>2</sup>Docente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do PROFLETRAS e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN, *Campus* CAPF. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP/Araraquara). Pau-dos-Ferros-RN. Brasil, e-mail: giltonssouza@gmail.com

<sup>3</sup>Aluna do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN).

<sup>4</sup>Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado Rio Grande do Norte (UERN).

## Considerações iniciais

Neste artigo, objetivamos analisar os discursos memorialísticos sobre o processo de destoponimização em curso nas ruas Mãe Regina e Raimundo L. da Rocha/Luís Gomes/RN, cujas entrevistas ocorreram na segunda quinzena do mês de janeiro do ano de 2020 e a qual faz parte do *corpus* da tese de doutorado da autora, discente do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UERN/CAPF, linha de pesquisa: Identidade, Memória e Argumentação.

A temática partiu da necessidade de respondermos às questões elementares sobre as histórias que povoam o imaginário popular dos moradores de Luís Gomes-RN, relacionados a existência de um lugar cujo topônimo se refere a um objeto utilizados por fumantes, os cachimbeiros (as), que trabalhavam nas casas do Quadro da Matriz e ruas adjacentes, mas que tinham suas casas de barro e palha fixadas na periferia da cidade que, devido ao costume de seus habitantes recebeu a alcunha de ‘Cachimbo’ e outras variações toponímicas como Cachimbo Eterno, ou Rua do Cachimbo.

Tal estudo se justifica pela necessidade de ampliação dos discursos que envolvem a proposta da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), bem como pela importância acadêmica para o fomento de novos discursos e percepções sobre o tema, tanto para os alunos dos cursos de graduação em Letras como de outros cursos área de Línguas e Linguagem, tanto para os alunos dos cursos ofertados pelas Universidades Públicas de nosso país quanto de outras Instituições de Ensino Superior e também para aprofundamento nos cursos de pós-graduação, ou dos estudiosos da temática.

Esse estudo é importante também para todos os membros do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), com destaque para a linha de pesquisa em argumentação, memória e identidade. Entre as diversas publicações do grupo destacamos duas referências que servirão de base para este texto, são elas: SOUZA; COSTA; MOREIRA (2017) e SOUZA; COSTA; SÁ; ALVES (2016), são publicações em periódicos da área que nos darão suporte na análise dos discursos aqui apresentados.

Nosso referencial teórico é composto por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014); Kaufmann (2013); Oliveira (2020), Bauman (2011). As entrevistas, foram realizadas a partir das sugestões ofertadas por Kaufmann (2013, p 39), orientando-nos para o uso do método da entrevista compreensiva.

## O gênero epidíctico na Nova Retórica

O gênero epidíctico permite uma avaliação sobre os valores propostos nos discursos, visto que, assim como qualquer outro, pode ser contestado. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) é a defesa de uma causa, não de um ponto de vista. É algo maior que abrange não apenas os auditórios ali presentes naquela entrevista, mas todos os que um dia podem vir a saber de tal chamamento. Desde março de 2020 temos um discurso que é curto, mas que tem o mesmo propósito epidíctico: “Fique em casa”<sup>5</sup> é o apelo que vários seguimentos da sociedade fazem com o intuito de controlar a pandemia do Covid-19). Diferente de Ventania, que possui autoridade para falar do seu setor e de sua família/amigos. Aqui o discurso epidíctico parte da comunidade de cientistas/médicos, que utilizam canais de divulgação que por sua vez são respeitados por vários auditórios, seja pela forma impressa de suas notícias, ou televisiva; seja e por outros veículos de comunicação que buscam se firmar como baluartes de verdades ou de informações que traduzam o mais próximo dela. Para isso, também fazem e procuram transmitir aos demais auditórios, uma imagem educadora, informativa, limpa, sem resquícios de *fake-news*, o que faria desmoronar todo o discurso epidíctico ou politicamente correto<sup>6</sup>.

Com efeito, ao mesmo tempo em que autoridades da saúde pediam a adesão da população para o recolhimento, o isolamento social como medida protetiva para o controle da pandemia provocada pelo Covid-19, o Presidente da República fazia um discurso contrário, numa propaganda reversa, apelava para o fato de que “o Brasil não pode parar por causa de uma gripezinha” (OLIVEIRA, 2020).

Esse fato gerou um desconforto em vários seguimentos da sociedade que não concordava com as palavras do orador. Assim, “não obstante, na medida em que a educação aumenta a resistência a uma propaganda adversa, é útil considerar educação e propaganda como forças que atuam em sentido contrário (PERELMAN; OLBRECHTHS-TYTECA, 2014, p 60).

O discurso de uma autoridade como o Presidente da República, que, devido ao cargo que ocupa, a influência que sobre as pessoas e a abrangência nacional (para todos os auditórios do país), são epidícticos com consequência diferentes.

---

<sup>5</sup> Há outras frases de caráter propagandístico e, ao mesmo tempo educativo, que tentam convencer e persuadir a população (os diversos auditórios contidos nas mais distintas camadas sociais e núcleos de povoamento), a não saírem às ruas sob o risco de provocar um colapso, no já precário, sistema de saúde. “Lave as mãos com água e sabão” diz um dos discursos mais higiênicos; “proteja as pessoas que você ama” repete outro que apela para as relações de afeto que unem respeito e consideração para com os demais. “Use álcool gel” (como se existisse para os mortos), esse é quase impossível de ser encontrado, especialmente pelos mais pobres que, a despeito do primeiro discurso, se torna inviável para a população em situação de rua ou as que se aglomeram em palafitas e barracos improvisados nas periferias de grandes, médias ou de pequenas cidades do país.

<sup>6</sup> Há exceções como bancos, empresários e políticos que, independentemente da situação, mantêm o mesmo discurso da mais valia, e, assumem a postura dos que vendem lenços enquanto outros choram.

Há os que acreditam que, no momento, ficar em casa é uma boa opção. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) consideram que o discurso do orador vem esquematizado de valores próprios, que reproduzem fatos, conceitos e preceitos que fazem parte de uma determinada cultura ou uma elite: “na medida em que esse discurso busca aumentar a sua ascendência sobre o pensamento de seus membros, multiplicarão as reuniões de caráter educativo, e alguns chegarão mesmo, no limite, de empregar a ameaça e a coerção para levar os recalcitrantes a se submeterem aos seus discursos (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 61).

Nesse âmbito da argumentação, observa-se mais nitidamente que são os auditórios que regem a vida das pessoas. A argumentação é essencial, contudo, os auditórios, em especial, o universal, se faz tão presente que é impossível não nos identificarmos com ele a ponto de reconhecê-lo como o objeto fundante de todo argumento. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 69), explicam que “é no auditório universal que o indivíduo apresenta suas concepções, as teses que ele pretende serem válidas para todo o mundo”. Contudo, ressaltam os cuidados que devemos ter com os detratores, os céticos e os fanáticos, estes últimos, é aconselhável não discutir com eles, sob o risco de cair no ridículo ou no obscurantismo.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 70), “argumentação visa uma escolha entre possíveis” o fanático e o cético negam essa função racional”. O fanático possibilita o envolvimento com os argumentos ou com o orador, desde que haja uma verdade absoluta (algo impossível de se alcançar), enquanto que os céticos se recusam a se envolver, a participar das discussões argumentativas a pretexto de que tal situação, tese ou propositura não lhe parece definitivo.

Assim entendidos, quando a ausência do diálogo se faz presente, os seres humanos partem para a violência. Não cabendo a violência, ou recusando-se a ela, há os que defendem suas teses a ponto de ignorar as demais (os fanáticos), e há os descrentes, céticos que, a seu modo, também possuem suas próprias teses e, por convicção, se recusam a ouvir as demais. Essa ausência de diálogo se deve, em parte, a ausência de acordo entre as partes envolvidas, das premissas à persuasão.

Para os autores da Nova Retórica, a persuasão deve ocorrer unicamente pelo discurso cujos elementos são: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Jamais se deve fazer uso da força ou qualquer outro tipo de violência para se atingir o epílogo. Desse modo, “o discurso, na Nova Retórica, é entendido como ato do orador, em diálogo com o possível ouvinte/interlocutor, e se constitui, pela linguagem, como indício, como significado, enfim como meio de produção de sentido e

como ato de convencer o auditório da validade de suas teses, de seus argumentos” (SOUZA; COSTA; MOREIRA, 2017. p. 390).

Nesse sentido, mesmo quando prevalece o uso da argumentação como via de negociação, é preciso que o mediador seja dotado de apreço (recurso epidíctico), e que este apreço esteja intimamente relacionado a sua habilidade de convencer e persuadir, imbuindo de sentimentos racionais excluindo o uso da violência. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) alertam para o recurso do uso da argumentação como uma artimanha, uma dissimulação, na qual o orador impõe ao auditório a obrigação de escutar, seja porque “este último se contenta em simular escutá-lo, seja porque a movimentação da máquina argumentativa fica mal explicada, não havendo, pois, uma persuasão verdadeira” (PERELMAN; OLBRECHTHS-TYTECA, 2014, p 62).

Sobre esse ideal, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p.65) afirmam que “só valeria para os filósofos não absolutistas [...] a interdição de prosseguir certas mudanças, pode ser uma manifestação de intolerância da mesma maneira que a interdição de pôr em certos problemas: a de um veredicto definitivo”. Os autores reafirmam que a argumentação tem por objetivo o convencimento, a aceitação inicial, os acordos contidos nas condições prévias, que permitem a réplica dos auditórios, e que por isso, ainda que o silêncio seja imposto (por razões diversas), a argumentação oferece a condição de ser contradita, seja no presente ou a posterior.

Tomar partido de uma determinada tese e provar que além de seus argumentos serem válidos, o veredicto ou a deliberação foi realizada independe do envolvimento pessoal ou social com o que está sendo exposto não se constitui de tarefa fácil. Da simples eleição de um concurso de *miss* estudantil a de um representante escolar para os jogos interestaduais, há sempre de se prever que os resultados do consenso estão impregnados de envolvimento por parte dos votantes. Ainda que os argumentos sejam elaborados de forma idônea, e que a realização da escolha ocorra de forma imparcial, a dúvida sobre os interesses envolvidos recai sobre os vencedores. A solução seria pedir a uma pessoa alheia que, livre de qualquer envolvimento com os fatos, tome as rédeas do destino de uma pessoa ou de uma comunidade opinando contra ou a favor deste ou daquele argumento.

### **O orador e seu auditório: o persuadir e o convencer pelo o discurso**

Identificar para quem se fala e o que se fala, pressupõe uma consciência do auditório que temos. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), mais importante ainda se faz os

ajustes por parte do orador para satisfazer seus auditórios. Ainda que ao orador seja dado o direito de renunciar, quando, por exemplo, sentir que sua honra encontra-se em jogo, ou que seu auditório exige o emprego de palavras que fogem aos bons modos, ou que estes se distraiam com conversas paralelas, de modo geral, os bons oradores se esforçam para encontrar palavras, métodos e meios, os quais sejam apropriados a reverter tais circunstâncias. Mas é preciso ter ciência que tais meandros podem ser válidos, “apropriados, mas também cair no ridículo” (PERELMAN; OLBRECHTHS-TYTECA, 2014, p. 28).

Quando compreendemos que o objetivo do orador consiste em persuadir e convencer seus auditórios, também compreendemos que dada a infinidade destes auditórios, o orador recorre a busca da objetividade, para “convencer pela necessidade que tem aquele que fala ou escreve, o orador, de fazer seus interlocutores concordarem com as teses apresentadas; persuadir pela necessidade e/ou vontade de levar o auditório a agir, a praticar os atos que o orador deseja” (SOUZA; COSTA; SÁ; ALVES, 2016, p.145).

Para não se perder em situações que o conduzam a lugares inatingíveis, recorre-se a auditórios compostos de homens competentes ou racionais. Os autores chamam de *persuasiva* a argumentação que pretende valer só para um auditório particular, e chamam de *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional. Sousa (2003, p.62) diz que “o foco da teoria de Perelman está nas práticas argumentativas, no caráter persuasivo do discurso, no ato de convencer o auditório a aderir as suas teses, aos discursos que se dão nas interações dialógicas entre os interlocutores, entre orador e auditório”. O orador deve ter em mente qual o auditório quer atingir, por isso os discursos devem ser bem elaborados.

Do ponto de vista de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), é a combinação dos termos *persuadir e convencer* que permite compreendê-los. Essa compressão sempre imprecisa, constituiu-se um elemento importante para a distinção dos diversos auditórios, muitas vezes impossível de ser imaginado pelo orador.

De todo modo, como o orador imagina os auditórios é o resultado de um esforço sempre suscetível de ser retomado. Nesse momento, convém retomar uma pergunta que sempre parece estranha, mesmo a quem está acostumado a escrever ou a discursar. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, devemos perguntar assim:

Como imaginaremos os auditórios aos quais é atribuído o papel normativo que permite decidir da natureza convincente de uma argumentação? Encontramos três espécies de auditórios, considerados privilegiados a esse respeito, tanto na prática corrente como no pensamento filosófico. O primeiro constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais, que chamaremos de auditório *universal*; o segundo, formado no diálogo, unicamente pelo *interlocutor* a



quem se dirige; e o terceiro, enfim, constituído pelo *próprio sujeito* quando ele delibera ou figura as razões de seus atos (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 34).

Sem mensurar quais destes auditórios é o mais importante para o orador, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), explicam que, é difícil determinar, pois para cada auditório já existente outro vai surgir como melhor. Deliberar consigo mesmo é um argumento precário, acreditamos que de forma objetiva, o auditório universal seja o que determina o valor da capacidade de persuadir e convencer. Isto porque, presumidamente, ao elaboramos um discurso, sendo parte dele, tanto como orador e auditório, encontramos-nos convictos das razões, as quais nos motivaram e por extensão, persuadidos a persuadir outros auditórios. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 34), chamam a atenção para que a argumentação, o discurso, seja dirigido ao auditório, no sentido de que o orador “não caia no inconveniente de apoiar-se em teses estranhas ou opostas ao que admitem outras pessoas”. É preciso conhecer o terreno, fazer os acordos prévios. Que quantos maiores forem, melhores servirão ao orador.

Cientes da ausência de unanimidade, os autores apontam o caminho do acordo com o auditório universal. Um auditório presumido, ainda que não seja possível de alcança-lo como bem sabem os filósofos. A palavra universal aqui é utilizada para definir um auditório bem maior do que àquele supostamente imaginado pelo orador, que pode transcender as fronteiras literárias ou geográficas

Na verdade, a universalidade da adesão dos espíritos em termos de abrangência no sentido literal da palavra é algo pouco possível de ser realizado, pois além das diferenças linguísticas que podem oferecer barreiras para o entendimento e a compreensão do teor do discurso e, com isso, fazer desmoronar o objetivo, persuadir e convencer existe o que se conhece na literatura como oposições do que se tem consciência, que são as concepções do que é certo ou errado, do que é valioso ou improprio, presentes na história de um determinado grupo de pessoas ou em uma determinada cultura.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 37), mencionam questões referentes a desqualificação e exclusão em determinadas épocas da história da humanidade, aludindo a um auditório em particular, chamado de auditório de elite. Não são universais, mas como o nome os distingue, se colocaram por muito tempo em uma situação hierárquica na qual deveriam servir de modelo para homem comum. O auditório é dividido em duas partes, a saber:

O conceito de auditório se divide em particular e universal. O primeiro caso se refere às situações de uso da linguagem nas quais o orador tem uma visão especial e controle de algumas variáveis do seu auditório. Já o auditório universal, mas amplo, indefinido,

foge de qualquer controle do orador, que não sabe ao certo o alcance do seu discurso (SOUZA; COSTA; MOREIRA, 2017, p. 391)

O auditório particular está voltado para a persuasão, por isso o controle de algumas variáveis do seu auditório. O auditório universal volta-se para o convencer, sendo mais amplo e não tendo o controle direto do auditório.

Se estamos falando da elite do conhecimento, estes conseguiram atingir seus objetivos. Foram os discursos dessas pessoas, consideradas de vanguarda, detentores de conhecimentos e de meios para fazer prevalecer suas opiniões que forjaram as outras comunidades que, subsequentemente, forjaram outras: “os auditórios não são independentes; são auditórios concretos, particulares” (PRELMAN; OLBRECHTHS-TYTECA, 2014, p. 39). Estes auditórios podem concordar ou discordar em vários aspectos, podendo um prevalecer sobre outro, “em contrapartida, é o auditório universal não definido que é invocado para julgar o critério e a legitimidade deste. Pode-se dizer que os auditórios julgam uns aos outros” (PRELMAN; OLBRECHTHS-TYTECA, 2014, p. 39).

Deste modo, a exceção das civilizações que não foram atingidas por esta elite, os demais auditórios, ainda que culturalmente se distingam dos demais, os representa, são universais, como são os esforços dos oradores que se esmeram em compreender seus tratados e compêndios milenares, seculares.

## **Metodologia**

A presente pesquisa trata-se de uma metodologia de caráter qualitativo, interpretativista e método dedutivo através do recurso da análise dos excertos de duas de nossas colaboradoras obtidos dos discursos memorialísticos, de moradoras e ex-moradoras do Cachimbo Eterno, por meio da técnica da entrevista compreensiva. Para melhor resguardar a identidade de nossas colaboradoras, atribuímo-las codinomes, dois deles encontram-se neste artigo.

Os materiais utilizados para obtenção dos discursos memorialísticos foram: um roteiro de perguntas com foco nos argumentos sobre a destoponimização do Cachimbo Eterno; os espaços das residências das colaboradoras (uma nos recebeu na área da frente de uma das moradoras mais antigas do lugar, e a outra na sala da frente da casa que é comum à colaboradora e a sua família). Um caderno e canetas para anotações; um celular Samsung; e um microfone.

Durante a entrevista pedíamos a autorização verbal todas as nossas colaboradoras, gravadas nos vídeos que antecedem as entrevistas, e elaboramos um Termo de Consentimento



Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, à medida que nos aprofundávamos nos discursos sobre os argumentos que podem ter influenciado no processo de destoponimização, fazíamos pequenas perguntas ou interferíamos, o mínimo possível. O objetivo da entrevista compreensiva e semiestruturada é o de obter informações a partir das memórias de pessoas que guardam em si lembranças sobre eventos que aconteceram no Cachimbo Eterno, as quais transportaram o nome para os dias de hoje. Bem como sobre a aceitação dos novos topônimos.

Para este artigo, utilizamos excertos dos discursos de duas colaboradoras, e, para a análise desses, utilizamos o gênero epidíctico sob a ótica da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Os excertos receberam uma análise que privilegia não apenas a exaltação, do que dizem sobre o lugar, sobre o Cachimbo, ou sobre suas memórias íntimas, mas porque estão acobertados de verdades petrificadas pelo tempo e que, por extensão, oferece ao orador uma referência como patrono de uma causa ou de um educador.

### **Análise da argumentação em discursos memorialísticos sobre a destoponimização do Cachimbo Eterno**

No excerto abaixo observamos o discurso da colaboradora moradora do Cachimbo Eterno<sup>7</sup>, quando é convidada a se posicionar sobre sua maneira de viver, de se ver como mulher preta, moradora de um lugar que é associado com adjetivos que o desqualificam enquanto lugar para morar ou construir uma família.

Nos argumentos utilizados por duas de nossas colaboradoras: Ventania e Aurora, é possível identificar uma das categorias do discurso aristotélico que dialoga com a Nova Retórica, ou seja, o discurso epidíctico. Tal categoria dialoga com os excertos que aqui estão dispostos. Começamos pelos argumentos de Ventania

#### **Excerto 01:**

*[...] Eu, graças a Deus eu vejo isso com muito orgulho e firmeza. Porque apesar de tudo eu ainda carrego comigo a minha bela infância meus belos amigos vizinhos que a gente teve por aqui. E, não só eu. Vários. [...] É bom morar no Cachimbo, [...], foi bom viver no Cachimbo e hoje está presente do Cachimbo a vida toda. [...]. E, eu graças a Deus, eu sinto isso no meus amigos e eu transmito isso também. E onde eu chego eu falo com todo orgulho sou cachimbeira sou nordestina arrojada do jeito que é para ser eu sou (VENTANIA, 2020), informação oral*

<sup>7</sup> Para melhor compreensão trataremos as nossas colaboradoras como moradoras ou ex-moradoras do Cachimbo Eterno, uma das viáveis mais utilizadas pela oralidade para se referir a um setor que foi desmembrado em duas ruas: a Rua Mãe Regina e a Rua Raimundo Libâneo da Rocha em Luís Gomes-RN

Ao iniciar sua fala com “*graças a Deus*”, Ventania utiliza o valor da autoridade de um ser supremo para demonstrar aos auditórios o quanto ela se sente feliz em fazer parte da história do Cachimbo Eterno. O discurso epidíctico de Ventania transmite uma verdade consagrada para ela: “*orgulho, firmeza; belos amigos e vizinhos e orgulho de ser cachimbeira, nordestina arrochada*”. Esse discurso, pode não ser o mesmo de outros moradores, mas a oradora em questão não se preocupa com os preconceitos que está acostumada a lidar desde a infância. Para Ventania o fato de ser alvo de mofa ou de zombaria, não a preocupa, porque ela tem isso muito bem resolvido em si. Observamos a palavra “firmeza” que aqui pode ser traduzida como consciente, ou seja, ela sabe que a cor da pele e do local de morada são estigmatizados pela sociedade como o lugar dos pretos, fumadores de cachimbo, dos pobres indesejáveis.

E quando ela se autodeclara “cachimbeira” ela não está firmando que fuma cachimbo (Ventania não é fumante de nenhum tipo de produto), mas reafirmando seu gentílico, sua origem e uma de suas identidades. É como se ela dissesse “eu sou a mulher preta e pobre que ama o Cachimbo”. Ou ainda, “eu sou daqui, aqui é meu setor, minha rua, meu lugar. Aqui eu me sinto em casa, entre os meus”.

Nesse discurso, Ventania argumenta que tem orgulho de pertencer ao Cachimbo Eterno, de ser moradora de lá. De ser uma representante daquele lugar cheio de identidades e de auditórios (particular e universal). Assim, Ventania usufrui do poder que lhe confere a entrevista compreensiva, como um orador espera que sua argumentação possa ser reverberada. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 58), ela “encontra-se amparada pelo prestígio prévio e pela autoridade pessoal dos valores que defende”.

No discurso de Ventania temos a propaganda, lugar quando ela afirma “*É bom morar no Cachimbo, [...], foi bom viver no Cachimbo e hoje está presente do Cachimbo a vida toda. [...]. E, eu graças a Deus, eu sinto isso no meus amigos e eu transmito isso também*”. Ao transmitir esse discurso a propaganda está feita. Em evocar os amigos para, em nome deles afirmar que também comungam de suas afirmações, o discurso epidíctico assume um caráter educativo e informativo.

O discurso de Ventania traz uma mensagem demonstrativa do que ela sente, na qualidade de moradora ou de sujeito, cuja identidade está impregnada da vida comum à todos os amigos e conhecidos do Cachimbo Eterno. Ventania faz um chamamento para o que sente hoje, e diz sem rodeios que “*apesar de tudo*”, ainda carrega consigo a sua “*bela infância*”.

É a fala de uma mulher que sofreu muito, “*apesar de tudo*” significa que sua vida foi trágica, e, mesmo optando por não revelar esses dissabores, deixa claro o quanto a vida foi

árdua, cheia de empecilhos, “*apesar de tudo*”. Nesse termo, tudo, cabe uma grande extensão e sofrimento que não podemos mensurar, mas podemos acreditar. Sua voz é firme, suas palavras pronunciam os nomes que a sua memória traz e, mais uma vez ela nos brinda com uma das suas mais emblemáticas frases “*carrego comigo a minha bela infância*”. A mulher de feições agradáveis, rosto redondo e sorriso perpétuo, argumenta, neste trecho, que, o fato de ter nascido, vivido e de ser moradora do Cachimbo Eterno não a impede de ser feliz. Mais ainda, não maculou sua infância, sua bela e amada infância.

Verificamos que esta é apenas uma defesa pessoal, psíquica, um recurso que Ventania utilizou e ainda faz uso para sublimar as diversas formas de discriminação (racial/social/econômica), de superar os preconceitos étnico/racial e por ser moradora de um lugar que de tão discriminado recebeu a alcunha de Cachimbo Eterno.

Educativa também foi a forma encontrada pela avó de Aurora para tirar a família do barro, da brasa e das cinzas nas quais sua casa havia se transformado após um incêndio proposital de seus familiares, moradores do Cachimbo. É o momento em que a violência está presente no discurso de quem tem autoridade para dizer que sobreviveu a ele, e aos momentos que sucederam depois;

#### **Excerto 02:**

[..]. *Eu recordo da Rua do Cachimbo porque fui moradora daqui quando criança. Eu quando eu nasci aqui, brinquei e cresci sabendo que aqui era a rua do Cachimbo. Tinha a história do Cachimbo pegando fogo. E as vezes a gente estava na escola e chegava outra pessoa e dizia assim: Eita, corre que o Cachimbo tá pegando fogo. Era as mulheres brigando. E a gente corria para saber, justamente, quem eram as moradoras que estavam brigando. Eu acho que tem alguma coisa relacionada ao cachimbo porque aqui as pessoas fumavam muito cachimbo. E a gente tem na memória que vários moradores daqui fumavam cachimbo, minha vó, meu avô fumava cachimbo. Minha avó Basa era daqui e fumava cachimbo [...] aí a gente saiu daqui, e, fomos morar de aluguel por que a casa da gente mesmo pegou fogo e minha vó vendeu o chão. Sabendo que a gente estava dentro. Botaram fogo com gasolina, por maldade mesmo. Foi uma coisa triste. Eu, meus dois irmãos, minha avó e meu avô. Minha mãe salvou todo mundo, saiu tirando).*(AURORA), 2020, *informação oral*

A superação na fala de Aurora no excerto acima, traz um discurso que define sua vida no Cachimbo Eterno como uma aprendizagem. Um lugar que foi acolhimento e sofrimento, mas que também lhe serviu de veículo para as mudanças que ocorreram no sua vida, a começar pela forma como ela e sua família foram despejadas de lá, tangidas pelas labaredas de um fogo que foi colocado propositalmente “*sabendo que a gente estava dentro. Botaram fogo com gasolina. Por maldade mesmo*”. Esse trecho remete ao surgimento do discurso epidíctico de

Aristóteles quando este se prestava para atingir os auditórios a partir de fatos trágicos, ou mesmo para revelar o caráter bondoso de uns em detrimento de outros.

No discurso de Aurora é possível observarmos essa característica epidíctica com grande destaque para a figura benigna, batalhadora e criativa de sua avó, D. Basa, a dona da casa, a mulher que foi buscar abrigo em uma garagem de um outro bem feito, assim como a mãe de Aurora que mesmo doente “*saiu tirando*” os filhos de um por um antes que o fogo os devorasse.

Observamos a diferença do discurso de Ventania para o de Aurora quando se referem ao mesmo lugar. “*A gente saiu daqui, e, fomos morar de aluguel*”. A voz de Aurora não se altera, mas seu discurso epidíctico, delibera sobre sua tese, a de que o Cachimbo já pegou fogo, literalmente, e que esse fato, mesmo não justificando o que as pessoas apregoavam sobre as brigas que faziam o Cachimbo pegar fogo, ela o faz com o propósito da adesão, da aceitação dos argumentos expostos de que um dia, infelizmente, o Cachimbo pegou fogo junto com alguns de seus moradores.

Diante disso, verificamos o que vem em seguida, quando Aurora diz “*foi uma coisa triste. Eu, meus dois irmãos, minha avó e meu avô. Minha mãe salvou todo mundo, saiu tirando as crianças, as pessoas de dentro da casa que se consumia no fogo*”. O uso da violência aqui é o cerne do discurso. Não é preciso elevar a voz, nem gesticular. As palavras utilizadas por Aurora revelam a violência contida nas ações revisitadas por sua memória “*foi uma coisa triste*”; principalmente, porque neste episódio as vítimas eram crianças, um homem cego e uma mulher doente. Há quem veja tal situação de forma mais branda, menos acalorada, como um ato de transgressão de valores do ponto de vista evolutivo desse tipo de discurso. Na verdade, são as próprias memórias, transliteradas em palavras que oferecem quase que um ato revolucionário, ao sentido das ações.

E mesmo que houvesse discurso oposto ao que aconteceu, ao que Aurora descreveu, é “*neste âmbito que reside a clareza entre a liberdade espiritual e a coação*” (PERELMAN; OLBRECHTHS-TYTECA, 2014, p 61). Posto que, a forma como a entrevista foi realizada, semiestruturada, oferecendo liberdade para que as colaboradoras revelassem o que sentiam ou o que desejariam oferecer para nossa pesquisa, naquele momento, diz muito do que lhes ficou marcado na memória: violência doméstica, assédio moral, preconceitos, mas também há os discursos em que revelam a morada no Cachimbo como algo que serviu de lição de vida, como podemos verificar no excerto (03):

### Excerto 03:

*[...] Quando chegava o mês de maio era o mês todinho de ensaio e eu ia perguntar novamente porque a irmã Imaculada prometeu que esse ano sou eu. E quando chegava eu ou me ajeitava meu cabelo era todo cortado aí mudou a coordenadora foi irmã Miriam aí cheguei lá esse ano sou eu que disse que esse ano sou eu a senhora prometeu. Aí ela disse assim, senta aqui nesse cantinho. A Bíblia Ilustrada né? Folheava a Bíblia, e mostrava, olhe aqui, isso é um anjinho, tão loirinho, os cachinhos dourados né? Por isso você não pode, porque no Céu não tem anjo preto. - Mas não tem nada não, quando for no dia 12 de Outubro você vai ser Nossa Senhora da Aparecida. [...]. Passei 10 anos fora mas não deixei né? As raízes. Eu estava lá. Estava doida para vir embora porque eu sabia que eu tinha algo a fazer. O quê... aí [inaudível]. Voltei depois de 10 anos quando [...]. Voltei a estudar[...] e, para mim foi uma época muito boa. [...]. Eu gostei da mudança devido a homenagem que foi feita, porque Mãe Regina foi uma figura aqui em Luís Gomes que salvou muitas vidas. Muitas mães. Muitas vidas vieram através dela. Então acho que, nada mais justo de botar a rua que ela morava, ser homenageada com o nome dela. E, mesmo fazendo isso a memória do Cachimbo não saiu.*

Nesse excerto podemos observar a discriminação racial sofrida por Aurora, uma criança preta e moradora do Cachimbo Eterno. Quando criança, Aurora participava do coral infantil (uma das exigências de sua avó, D. Basa), e sonhava em coroar Nossa Senhora. Sempre que chegava o mês da coroação, Aurora fazia o pedido às religiosas da paróquia de Senhora Santana bem como às pessoas responsáveis pelo evento e nada de Aurora ser escolhida.

Na frase que inicia o discurso do excerto acima, Aurora revela parte da saga, “Quando chegava o mês de maio era o mês todinho de ensaio e eu ia perguntar novamente porque a irmã Imaculada prometeu que esse ano sou eu. Convencidas de que as desculpas não seriam suficientes para esconder a verdade de Aurora, de que ela, não seria escolhida para coroar a santa porque sua pele era preta, uma das pessoas responsáveis pelo evento utilizou de um recurso pedagógico que incluía não apenas as palavras, os argumentos verbalizados necessitavam de algo mais palpável para convencer e persuadir Aurora a demover de sua vontade histórica em coroar a santa. E isso foi feito com os recursos religiosos da época: livretos e outras ilustrações nas quais os anjos ao redor da santa com suas guirlandas de flores e de feixes de luz, estariam no mesmo patamar das crianças que deveriam ser escolhidas para coroar a santa. Não havendo anjos de cor preta no Céu ou nas ilustrações que assim o descreviam, Aurora não se encaixava nesse perfil.

Uma tragédia para uma criança. Imagine a exclusão que as pessoas responsáveis pela coroação de Nossa Senhora impuseram a Aurora, uma criança. Dizer e mostrar ilustrações, nas quais todos as figuras eram brancas e bem ornamentadas com vestes celestiais, impossíveis de serem adquiridas pelos mais pobres, de acordo com os padrões da época (anos 70/80), para uma criança preta e pobre é o mesmo que dizer que ela não pode entrar, também no Céu. Se Aurora não podia fazer parte do seleto grupo de crianças que iriam par ao Céu, que outro lugar estaria

destinado para ela e para as outras crianças pretas, filhas de pais pretos, e avós de cor de pele igualmente retinta?

Mas Aurora não se deu por vencida, apelou para uma santa que tem a pele da mesma cor da sua, Nossa Senhora Aparecida. Observamos aqui que, mesmo o discurso epidíctico de Aurora não foi suficiente para convencer e persuadir seus auditórios a deixarem realizar seu sonho de coroar a santa. Nada. Nem o fato dela ser apenas uma criança, nem o fato da igreja católica ter, dentre seus santos, uma de pele preta que também é uma das formas de apresentação da mãe de Jesus.

Na verdade, as escolhas que nossas colaboradoras tomaram, ou que os oradores escolhem como sendo a parte mais negociável do discurso, que é o arremate, partem de um pré conhecimento, de um pré-convencimento e torna-se persuasiva o suficiente para a finalização de uma ação que não pode ser considerada, de todo, imparcial. Alguém poderia indagar: saiu do Cachimbo pra quê? Para voltar dez ou vinte anos depois? Ou ainda. – Conseguiu sair do Cachimbo e optou por voltar? Porque se ali não resta mais nada, nem a casa, nem familiares?

Todas essas questões são subjetivas e pertencem a auditórios que vão desde os particulares aos das outras pessoas com as quais precisamos conviver. Neste sentido, a imparcialidade, se concebida como a de um espectador, pode parecer ausência de qualquer atração ou de afetação, uma derrota pessoal, o que desencadearia outras mais. Assim, proceder com respostas imparciais é uma atitude sábia. Atitude esta que deveria prevalecer nas demais discussões por encontra-se associada ao pensamento e a objetividade.

Desse modo, para ser objetivo e tomar decisões que sejam imparciais é preciso estar a par dos fatos, o que não confere a uma terceira pessoa “nenhuma qualidade para intervir [...], por outro lado, é essencial prever uma possibilidade de dissociar nossas convicções de nossos interesses e de nossas paixões” (PRELMAN; OLBRECHTHS-TYTECA, 2014, p 68).

Os resultados apontam que, os argumentos de Ventania podem ser alocados no que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), observando a obra Aristotélica chamam de epidíctos. Também observamos que os argumentos utilizados por Aurora corroboram para a tese de que o nome Cachimbo pegava fogo, no sentido literal e que, a carga de preconceito suportada pelos moradores do Cachimbo Eterno deixou cicatrizes que nestes estudo, revelam além do desprezo e da intolerância a dificuldade em se posicionar como morador desse lugar.

O discurso de Ventania é epidíctico porque tanto pode servir aos interesses pessoais, da colaboradora que deseja transmitir sua verdade, como pode servir aos interesses educacionais.

De como devemos nos portar diante de dilemas como é o caso de se considerar pertencente a determinados lugares. E, também se aplica à pesquisa.

## Conclusão

A análise dos discursos memorialísticos de nossas colaboradoras sobre o processo de destoponimização do Cachimbo Eterno nos deu a oportunidade de ajustar nosso entendimento na perspectiva de que os discursos epidíctos e os auditórios retratados na Nova retórica estão presentes nos discursos de moradoras e de ex-moradoras do Cachimbo Eterno.

Os discursos foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas, com o pedido inicial para que cada colaboradora se sentisse confortável e livre de pressões sobre o que deveria ser lembrado. Dentre os vários trechos dos discursos, verificamos os auditórios para os quais se dirigiam convergem com os posicionamentos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014).

Observamos que os discursos analisados são construídos a partir de eventos que ocorreram na vida de nossas entrevistadas bem como na vida de seus amigos e familiares. Outro ponto observado foi que as colaboradoras colocam o Cachimbo Eterno enquanto lugar topofílico ou topofóbico emprestou a cada uma delas um tipo de conhecimento, de resistência e de resiliência.

Os excertos de Ventania e de Aurora, escolhidos para compor o *corpus* da pesquisa, tratarmos da forma epidíctica que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), se referem, confirmam a tese de que o Cachimbo Eterno adquiriu esse nome devido ao hábito de seus moradores, ao longo dos anos, em dar pitadas, baforadas em cachimbos preenchidos com fumo comum. E, em meio a essas pessoas haviam outras que a memória não conseguiu guardar tanto quanto o hábito e o objeto em si. O Cachimbo.

Para os autores da Nova Retórica, a persuasão deve ocorrer unicamente pelo discurso cujos elementos são: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Assim, sendo, o Cachimbo, é o *ethos*, os acontecimentos, a vida incandescente que ocorre nele é o *pathos* e o processo de destoponimização é o *logos* e o *epilogo*, aqui, precisou do argumento da violência ou dos vários tipos de violência a que foram submetidos seus moradores. A começar pelo preconceito. Não sem razão a destoponimização é uma evidência aceita e abraçada por quase todas as nossas colaboradoras. A destoponimização do Cachimbo oferece um novo recomeço um novo sentido.

Notamos que há emoção nos excertos. Os argumentos encontram-se dotados de apreço, recurso epidíctico, sem traços de elevação de voz ou outro recurso que caracterize o uso da



violência para entregar a dor de pertencer a um lugar chamado Cachimbo. Nenhum tipo de estratégia foi utilizado. Todas as colaboradoras estavam unicamente sob o efeito das memórias de seu próprio passado.

Consideramos ainda que nesse estudo, foi possível compreender melhor o gênero epidíctico e os tipos de auditórios. Os valores propostos nos discursos e a incontestabilidade para além dos elementos de exaltação utilizados para elaborar verdades petrificadas. Seja pelo tempo e que, por extensão, oferece ao orador uma referência como patrono de uma causa, a exemplo das pessoas que viviam, trabalhavam e fumavam cachimbo naquele setor. E, no gênero da educação e da propaganda, sobre as verdades ventiladas pela sociedade “*o Cachimbo está pegando fogo*”, tidas como verdades consagradas, apresentam-se aqui como não como objeto de controvérsias, mas na forma epidíctica, na qual o colaborador entrega seus argumentos de resiliência para os auditórios, não apenas como vítimas ou alvo de mofa ou de zombaria, mas na crença de que os acontecimentos ocorridos serviram de educação. I

No âmbito da educação, o orador é o representante das ideias de auditórios, que usufruem do seu poder de argumentação para se fazerem ouvidos. Assim, os discursos epidícticos tanto podem servir aos interesses da educação como aos da propaganda (a exemplo dos discursos emitidos em campanhas eleitorais, em períodos de guerras ou de pandemias como a que estamos vivendo). São discursos destinados a atingir um auditório universal, presumidamente conhecido (no mundo atual, devido aos avanços dos conhecimentos sociais e culturais dos povos ou das comunidades a ser direcionados); posto que, o que pode ser chamado de discurso de propaganda, se aproxima da educação devido ao caráter informativo.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2005.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Trad. Thiago de abreu e Lima Florencio. Petrópolis – RJ. Vozes: Maceió, AL: Edufal, 2013.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHET-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a Nova Retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3ª edição. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo. SP; 2014.

OLIVEIRA, Mariana. **Juíza do Rio proíbe governo federal de veicular campanha publicitária 'O Brasil não pode parar'**. Jornal “O Globo”. Brasília-DF. 28 de março de 2020.

SOUZA, Gilton Sampaio de. **O Nordeste na mídia:** um (des) encontro de sentidos. 2003. 398 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2003.

SOUZA, Gilton Sampaio de, COSTA, Rosa Leite da, MOREIRA, Marília Cavalcante de Freitas. **O que diz o egresso de um Curso de Letras sobre sua formação:** argumentação em discursos sobre o ensino superior. *Diálogo das Letras*, v. 06, n. 01, p. 387-404, jan./jun. 2017.

SOUZA, Gilton Sampaio de, COSTA, Rosa Leite da, SÁ, Diana Maria Cavalcanti., ALVES, Maria Leidiana. **As técnicas argumentativas em diferentes esferas da comunicação:** proposta de análise em textos jornalísticos, lítero-musicais, jurídicos e acadêmicos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 14, p. 142-164, 2016



OLIVEIRA, Wilca Maria de; SOUZA, Gilton Sampaio de; SOUSA, Maria do Socorro Cordeiro de; MOREIRA, Marília Cavalcanti de Freitas. Argumentação em Discursos Memorialísticos de Moradoras do Cachimbo Eterno em Luiz Gomes/RN. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2021, vol.15, n.54, p. 836-852. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 22/02/2021;

Aceito: 28/02/2021.